

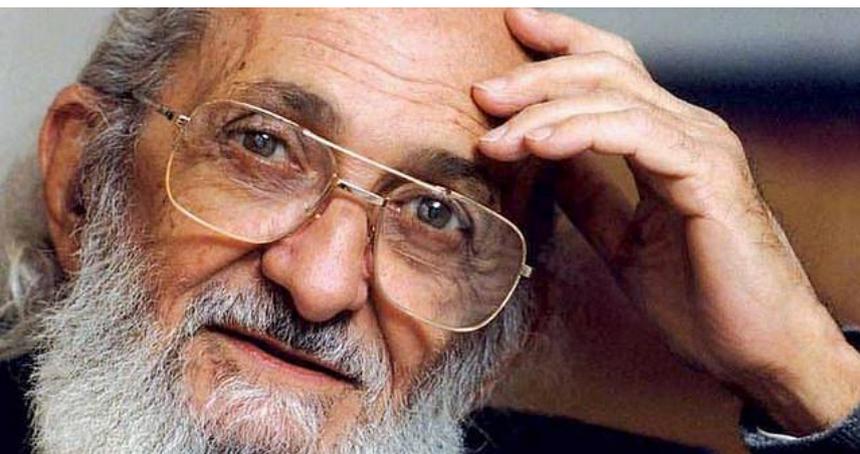
**COLUNA**

**(DES)PENSAR AS COLONIALIDADES PARA A  
FORMAÇÃO DOCENTE**

**Mariana Fernandes dos Santos**

**Por outras encruzilhadas para a Docência**

Acho um absurdo afastar o ato rigoroso de saber o mundo da capacidade apaixonada de saber. Eu me apaixono não só pelo mundo, mas pelo próprio processo curioso de conhecer o mundo (FREIRE, 1995, p. 92).



O pernambucano Paulo Freire é uma referência internacional no campo da educação, da pedagogia e do pensamento filosófico.  
Foto: Reprodução

Para iniciar este diálogo reporto-me às palavras de Freire que desperta em mim a inquietação sobre o porquê da paixão pelo saber estar sempre focada em um povo, e que para outros povos, essa paixão por muitas vezes não foi despertada já que a sua narrativa comumente foi contada a partir do enredo criado e não de fato do que havia acontecido. Outra questão sobre essa problemática é pensar por que a curiosidade em conhecer o mundo sempre foi dada sobre

um mundo e não os mundos? Essas inquietações têm provocado há algum tempo efeitos colaterais de tamanha linearidade na construção da história das sociedades e tudo isso vem reverberando em diferentes territórios, como é caso das instituições acadêmicas e até mesmo não acadêmicas muitas vezes.

Todo esse “rigor de saber” obteve protagonismo nas instituições formativas contemplando a colonialidade em todas as áreas do conhecimento, mas em algum momento houve a curiosidade de conhecer outros mundos e a

paixão por outros saberes alafiaram<sup>1</sup>, daí então se iniciaram diferentes processos de rupturas nesses contextos, que se estendem até hoje, mas que já aconteciam diante da resistência dos nossos ancestrais. Em meio a isso surgem os debates sobre a necessidade de se conceber outras possibilidades educativas que encenem diferentes culturas.

Pelo dito até aqui entendo ser relevante explicar o motivo de eu iniciar esse diálogo com um homem branco, já que sempre foi esse o perfil cultural acadêmico que esteve em hegemonia em todos os lugares formativos. A presença de um acadêmico branco na abertura deste texto justifica-se pelo fato de que Paulo Freire trouxe também para esse dito espaço acadêmico do qual estamos tratando, a voz de sujeitos que historicamente foram silenciados e boicotados em relação ao direito de ter acesso ao conhecimento escolar/acadêmico sistematizado, em especial que contemplasse a realidade das/dos trabalhadoras/trabalhadores que, por conta da situação de exercício profissional, não tiveram a possibilidade de acessar a formação escolarizada chamada de regular.

Freire criou e defendeu a Educação Popular, essa é uma proposta que muito contribuiu para o rompimento naquele momento (década de 60 do século passado) com a colonialidade e com o colonialismo<sup>2</sup> formativos no que concerne ao direito de estudar daquelas/es que trabalham. Apesar de não contemplar naquele momento as questões de raça e de gênero, o educador nordestino trouxe uma importante contribuição à Pedagogia mundial, em especial, à Educação de Jovens e Adultos, dando assim a possibilidade de Ilá/grito/voz dessas pessoas em meio à colonialidade pedagógica hegemônica.

---

<sup>1</sup> O termo vem do idioma ioruba que estamos usando aqui com o sentido de acontecer/aconteceram.

<sup>2</sup> O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (TORRES, 2007, p. 131).



A afro-americana Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, é filósofa, professora universitária, autora, teórica feminista, artista e ativista social. Seus trabalhos abordam raça, classe e gênero na educação, arte, história, sexualidade e mídia de massa.

Nas palavras de Mignolo (2005), os processos de colonialidades são constituídos de violências pelo apagamento epistêmico. Nessa mesma via Candau e Oliveira (2010) tratam sobre a colonialidade do ser, e afirmam que ela é compreendida como a negação, citando os povos africanos e indígenas como exemplos de vítimas, no contexto histórico da modernidade colonial. Walsh (2006) afirma que isso causou/causa reais problemas em relação à liberdade do ser e da história dos sujeitos que são assim subalternizados por meio de uma violência epistêmica. Violência essa causada por referências europeias que constituem e

causaram o racismo estrutural bem como o racismo epistêmico. A 'epistemologia eurocêntrica ocidental dominante, não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico' (GROSFOGUEL, 2007, p. 35).

bell hooks (2013), tocada pelas palavras de Paulo Freire, convoca-me a efetivar uma pedagogia engajada voltada para educação como prática da liberdade que se constitui em uma forma de ensinar que qualquer um possa aprender. Um processo em que o aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também acreditam que a sua vocação tem um aspecto sagrado; que acreditam que o trabalho docente não é o de simplesmente partilhar informação, mas de participar do crescimento intelectual espiritual dos nossos estudantes. Para a autora, seria ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos estudantes para que se criem condições necessárias para o aprendizado acontecer de fato, de modo mais profundo e mais íntimo.



Eliane Potiguara é uma das mais potentes vozes da literatura dos povos originários brasileiros. É escritora, professora, ativista social e fundadora da primeira organização de mulheres indígenas no país. Foto: Reprodução

Os ditos de hooks (2013) levam-me ao pensar de Potiguara (2018) que defende a libertação de um povo por meio da cultura, pela espiritualidade e pela cosmovisão das mulheres. Para ela o papel da mulher na luta pela identidade é natural, espontâneo e indispensável. Trago as palavras de Potiguara porque faço referência ao poder feminino de gerar e r(e)existir o novo, da possibilidade de conceber um outro pensar diante da geração de novas vidas, novas histórias, outras narrativas, novas encruzadas.

Pensando no ato de gerar/gerar/maternar/, questiono e tensiono para escritas futuras: O que representa uma língua chamada de “materna” numa política (de)colonial para a formação docente?

## Referências

- CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e intercultural no Brasil. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, p. 15-40, abr. 2010.
- FREIRE, P. **A Educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- GROSFUGUEL, Ramon. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias decoloniais. In: **Ciência e cultura**. São Paulo: v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3ªed. Rio de Janeiro, RJ: Grumín, 2018.
- TORRES -MALDONADO-, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo

global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento 'otro' desde la diferencia colonial". In: WALSH, C.; LINERA, A. G.; MIGNOLO, W. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 21-70.

### **Mariana Fernandes dos Santos**



Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA). Mestra em Estudo de Linguagens (UNEB). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (FACSA-BA). Especialista em Educação a Distância (UNEB). Possui graduação em Letras-Vernáculas (UNEB). Atualmente é Docente de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- IFBA, atuando nos níveis de Ensino Médio Integrado ao Técnico, Técnico Subsequente, Graduação e Pós-Graduação. Atuou como Leitora Crítica do PNLD 2020 (MEC). Desenvolve estudos nas áreas de Linguagem e tecnologia, Currículo, Formação docente, Ensino de línguas, Língua(gem) em áreas diferentes das Letras, Língua Portuguesa/Linguagem na Graduação, Letramentos, Análise do discurso, Linguística Aplicada, Interculturalidade, De(s)colonialidades, Gênero e Relações Étnico-raciais. Mãe da Ana Flor!